

FICHA TÉCNICA

Título original: *Don't Let Go*

Autor: *Harlan Coben*

Copyright © 2017 by Harlan Coben

Edição portuguesa publicada por acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa © Mark Owen / Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras / Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 451 758/19

1.ª edição, Lisboa, março, 2019

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Daisy usava um vestido preto muito justo e com um decote tão profundo que quase estaria habilitado para dar aulas de Filosofia.

Avistou o alvo sentado na extremidade do balcão do bar, usando um fato cinzento de riscas. Hum. O tipo tinha idade para ser seu pai. Isso talvez lhe dificultasse ainda mais a jogada, mas, por outro lado, talvez não. Com os homens mais velhos nunca se sabia. Alguns, em especial os recentemente divorciados, estavam mais do que prontos para se aperaltarem e mostrarem que ainda eram atraentes, mesmo quando nunca o tinham sido.

Em especial quando nunca o tinham sido.

Quando Daisy atravessou calmamente a sala, sentiu os olhares dos clientes masculinos rastejarem pelas suas pernas nuas abaixo, como minhocas. Quando chegou ao fundo do balcão do bar, sentou-se no banco ao lado dele com uns maneirismos algo aparatosos.

O alvo olhou para o interior do copo de uísque à sua frente como uma cigana a fitar uma bola de cristal. Daisy esperou que ele se virasse para ela. Ele não o fez. Ela estudou o perfil dele por uns instantes. A barba era densa e grisalha. O nariz era abatado e parecia feito de plasticina, fazendo lembrar uma caracterização feita de silicone ao estilo de Hollywood. O cabelo era comprido e desgrenhado, estilo esfregona.

Segundo casamento, pensou Daisy. *Segundo divórcio quase de certeza*.

Dale Miller — era esse o nome do alvo — pegou delicadamente no copo de uísque. Segurou-o entre as mãos, como se de um pássaro ferido se tratasse.

— Olá — disse-lhe Daisy, atirando o cabelo para trás num gesto experiente.

Miller virou a cabeça na direção dela. Olhou-a diretamente nos olhos. Ela esperou que o olhar dele descesse ao decote — até mulheres o faziam quando ela usava aquele vestido, caramba —, mas ele manteve-o fixo nos olhos dela.

— Olá — respondeu ele. Em seguida, voltou a atenção para o uísque. Por norma, Daisy deixava que fosse o alvo a namoriscar com ela. Era a sua tática mais usual. Dizia olá como fizera agora, sorria e o tipo perguntava-lhe se podia oferecer-lhe uma bebida. O costume. Porém, Miller não parecia estar com disposição para namoriscar. Bebeu um longo trago do copo de uísque e depois outro.

Era bom sinal. O beber em excesso. Facilitaria todo o processo.

— Posso ajudá-la com alguma coisa? — perguntou-lhe ele.

Corpulento, pensou Daisy. Essa era a melhor palavra para o descrever. Mesmo vestido com aquele fato às riscas, Miller possuía esse ar de motoqueiro-corpulento-veterano-do-Vietname, e a sua voz era uma espécie de sussurro rouco. Era o tipo de homem mais velho que Daisy achava estranhamente sensual, apesar de, muito provavelmente, serem os seus famosos problemas de falta de figura paterna a virem ao de cima. Daisy gostava de homens que a faziam sentir-se segura.

Havia demasiado tempo que não conhecia alguém assim.

Está na altura de tentar outra abordagem, pensou Daisy.

— Importa-se que me sente aqui consigo? — Daisy inclinou-se para ele, revelando um pouco do decote, e depois sussurrou: — É que há um tipo...

— Está a incomodá-la?

Bingo. Ele não o disse com uma postura de macho, como muitos dos palermas que ela conhecera ao longo dos anos. Dale Miller dissera-o calmamente, de forma descontraída, galante até — como um homem que a queria proteger.

— Não, não... nem por isso.

Ele começou a olhar em torno do bar.

— Qual deles é?

Daisy pousou a mão no braço dele.

— Não há problema. A sério. Eu só... Sinto-me mais segura aqui ao seu lado, pode ser?

Miller tornou a olhá-la nos olhos. O nariz abatado não condizia com o rosto, mas quase não se via devido aos olhos de um azul penetrante.

— Com certeza — replicou, mas num tom cauteloso. — Posso oferecer-lhe uma bebida?

E pronto, essa deixa era mais do que suficiente para Daisy. Ela tinha jeito para fazer conversa e os homens — casados, solteiros ou em vias de se divorciarem, fosse o que fosse — nunca tinham problemas em

abrirem-se com ela. Dale Miller demorou mais tempo do que o habitual — à quarta bebida, se ela não estava em erro —, mas por fim chegou ao divórcio iminente de Clara, a sua, ora bem, segunda mulher, 18 anos mais nova do que ele. («Já devia saber, não era? Sou mesmo parvo.») Uma bebida depois, falou-lhe sobre os dois filhos, Ryan e Simone, sobre o processo de custódia e o trabalho dele no mercado financeiro.

Ela teve de se abrir também. Era assim que funcionava. Encorajar o alvo. Ela tinha uma história pronta para essas ocasiões — uma história totalmente fictícia, claro —, mas algo no comportamento de Miller levou-a a acrescentar uma certa franqueza. Ainda assim, ela jamais lhe contaria a verdade. Ninguém sabia a verdade, à exceção de Rex. E mesmo Rex não estava a par de tudo.

Ele bebeu uísque. Ela bebeu vodca. Ela tentou imprimir um ritmo mais lento. Por duas vezes levou o copo cheio para a casa de banho, esvaziou-o no lavatório e encheu-o com água. Ainda assim, Daisy estava a sentir-se um pouco zozna quando recebeu a mensagem de Rex.

P?

P de «Pronta».

— Está tudo bem? — perguntou-lhe Miller.

— Sim. É só um amigo.

Ela respondeu à mensagem com um *S* de «Sim» e voltou a sua atenção para ele. Agora vinha a parte em que ela sugeria que fossem para um lugar mais calmo. A maioria dos homens aproveitava logo a oportunidade — os homens eram por demais previsíveis nesse aspeto —, mas ela não tinha a certeza se a abordagem direta iria resultar com Dale Miller. Não que ele não parecesse interessado. Apenas parecia estar — ela não sabia como o explicar — acima de tudo isso.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? — começou ela por dizer.

Miller esboçou um sorriso.

— Não tem feito outra coisa a noite toda.

Percebia-se um certo arrastar na voz dele. Ótimo.

— Tem carro? — perguntou ela.

— Tenho, sim. Porquê?

Ela olhou em redor do bar.

— Posso pedir-lhe, hum, uma boleia para casa? Não moro muito longe daqui.

— Claro, sem problema. — Então: — Mas se calhar preciso de algum tempo para recuperar a sobriedade...

Daisy desceu do banco alto.

— Oh, então não há problema. Posso ir a pé.

Miller endireitou-se no lugar.

— Espere lá, o quê?

— Tenho de ir já para casa, mas se não pode conduzir...

— Não, não — respondeu-lhe ele, conseguindo pôr-se de pé. — Eu levo-a agora.

— Se for muito trabalho...

— Não dá trabalho nenhum, Daisy.

Bingo. Enquanto se dirigiam para a porta, Daisy enviou rapidamente uma mensagem a Rex.

AC

Código para «A Caminho».

Algumas pessoas chamar-lhe-iam possivelmente vigarice ou embuste, mas Rex insistia que se tratava de dinheiro «justo». Daisy não tinha tanta certeza disso, mas também não se sentia muito culpada. O plano era simples em termos de execução, mesmo que não o fosse no que dizia respeito ao motivo. Um homem e uma mulher em processo de divórcio. O processo de custódia começa a ficar feio. Ambos os lados começam a ficar desesperados. A mulher — para todos os efeitos, o marido também podia recorrer aos serviços deles, embora até agora tivesse sido sempre a esposa — contratava Rex para a ajudar a vencer a mais sangrenta das batalhas. Como é que ele o fazia?

Tramava o marido por conduzir sob o efeito de álcool.

Haverá melhor maneira de provar que um homem não tem capacidade para ser pai?

Portanto, era assim que funcionava. Daisy tinha duas tarefas para realizar: certificar-se de que o alvo estava, para efeitos legais, embriagado e depois arranjar maneira de o pôr ao volante. Rex, que era agente da Polícia, mandava-os parar e prendia o alvo por condução sob o efeito de álcool, e pronto, a cliente deles ganhava a vantagem no processo de custódia. Nesse momento, Rex estava à espera num carro da Polícia a dois quarteirões de distância. Ele arranjava sempre um local abandonado muito próximo do bar onde o alvo estivesse a beber nessa noite. Quanto menos testemunhas, melhor. Não queriam que se fizessem muitas perguntas.

Mandar parar o tipo, prendê-lo, seguir em frente.

Ambos transpuseram a porta a cambalear, em direção ao parque de estacionamento.

— Por aqui — disse Miller. — Estacionei ali.

O piso do parque de estacionamento era feito de gravilha. Miller levantou-a com o arrastar dos pés, enquanto se dirigia para o *Toyota Corolla* cinzento. Premiu o comando. O carro emitiu uma buzina dupla surda. Quando Miller se dirigiu para o lugar do passageiro, Daisy ficou confusa. Queria ele que ela conduzisse? Santo Deus, esperava que não. Estaria mais embriagado do que ela julgava? Parecia-lhe ser o mais provável. Contudo, rapidamente se apercebeu de que não era nenhuma dessas coisas.

Dale Miller estava a abrir-lhe a porta do carro. Qual cavalheiro a sério. O gesto fê-la perceber há quanto tempo não lidava com um cavalheiro a sério. Nem sequer percebera o que ele estava a fazer.

Ele segurou-lhe a porta. Daisy entrou no carro. Dale Miller esperou até ela entrar e estar instalada, antes de fechar cuidadosamente a porta atrás dela.

Daisy sentiu uma pontada de culpa.

Rex explicara-lhe inúmeras vezes que o que estavam a fazer não era ilegal ou moralmente duvidoso sequer. Por um lado, o plano nem sempre resultava. Há tipos que não frequentam bares. «Se for esse o caso», dissera-lhe Rex, «então ele estará safo. Mas o nosso tipo já está a beber, não está? Tu só lhe estás a dar um empurrãozinho, nada mais. Ele não é obrigado a beber e conduzir. Essa é uma escolha dele. Não lhe estás a apontar uma pistola à cabeça.»

Daisy pôs o cinto de segurança. Dale Miller fez o mesmo. Ligou o carro e fez marcha atrás. Os pneus calcaram o piso de gravilha. Quando saiu do lugar de estacionamento, Miles parou o carro e olhou demoradamente para Daisy. Ela tentou esboçar um sorriso, mas não conseguiu mantê-lo.

— O que estás a esconder-me, Daisy? — perguntou-lhe.

Ela sentiu um arrepio, mas não respondeu.

— Aconteceu-te alguma coisa. Vejo-o na tua cara.

Sem saber o que mais fazer, Daisy tentou desvalorizar a situação com uma risada.

— Já lhe contei a história da minha vida no bar, Dale.

Miller esperou mais um segundo, talvez dois, embora tivesse parecido uma eternidade a Daisy. Por fim, olhou em frente e arrancou com o carro. Não falou mais enquanto saíam do parque de estacionamento.

— Vire à esquerda — disse-lhe Daisy, percebendo a tensão na sua própria voz. — Depois é na segunda à direita.

Dale Miller estava em silêncio, virando calmamente o carro como é hábito fazer quando bebemos demasiado e não queremos ser parados pela Polícia. O *Toyota Corolla* estava limpo e tinha um aspeto pouco pessoal, além de que cheirava demasiado a desodorizante. Quando Miller virou na segunda à direita, Daisy susteve a respiração e esperou que as luzes e a sirene de Rex se acendessem.

Essa era sempre a parte mais assustadora para Daisy, pois nunca sabia como é que a pessoa iria reagir. Houve um tipo que tentara fugir, embora tivesse percebido a futilidade de tal ato antes mesmo de chegar à esquina seguinte. Alguns tipos começavam a praguejar. Outros — demasiados — desatavam a chorar. Isso era o pior. Homens feitos, que momentos antes estavam a meter-se atrevidamente com ela, alguns ainda com a mão a tentar esgueirar-se pelo vestido dela acima, de repente desataram a soluçar como crianças.

Apercebiam-se da gravidade da situação de imediato, e essa percepção deixava-os de rastos.

Daisy não sabia o que esperar de Dale Miller.

Rex tinha tudo cronometrado ao segundo, pelo que no momento exato a luz azul giratória ganhou vida, seguido de imediato pela sirene do carro-patrolha. Daisy virou-se e estudou a expressão no rosto de Dale Miller, para tentar calcular a reação dele. Se Miller estava perturbado ou surpreendido, a verdade é que nenhuma dessas emoções era visível no seu rosto. Estava sereno, com um ar decidido até. Fez sinal com o pisca antes de virar cuidadosamente para a berma, ao mesmo tempo que Rex parava atrás dele.

A sirene estava agora desligada, a luz azul ainda a rodopiar.

Dale Miller parou o carro e virou-se para ela. Ela não sabia que expressão adotar. Surpresa? Compreensão? Um suspiro que dissesse: «Estas coisas acontecem»?

— Olha, olha... — disse Miller. — Parece que o passado nos apanhou, não foi?

As palavras, o tom de voz e a expressão dele fizeram-na sentir-se nervosa. Apetecia-lhe gritar para que Rex se despachasse, mas ele estava a demorar-se, como era típico os agentes da Polícia fazerem naquelas situações. Dale Miller não tirava os olhos dela, mesmo depois de Rex ter batido com os nós dos dedos no vidro no lado do condutor. Miller virou-se lentamente e abriu o vidro.

— Passa-se alguma coisa, senhor agente?

— A sua carta de condução e licença, por favor.

Dale Miller estendeu-lhas.

— Esteve a beber, senhor Miller?

— Foi só um copo — respondeu ele.

Com essa resposta, por fim, ele passou a ser exatamente como os outros homens. Mentiam sempre.

— Importa-se de sair do carro, por favor?

Miller virou-se para Daisy. Ela tentou não se encolher sob o olhar fixo dele. Olhou diretamente em frente, evitando o contacto visual.

Rex disse:

— Senhor Miller? Pedi-lhe para...

— Com certeza, senhor agente.

Dale Miller puxou o manípulo da porta. Quando a luz se acendeu no interior do carro, Daisy fechou os olhos por breves instantes. Miller saiu do carro com um resmungo. Deixou a porta aberta, mas Rex estendeu o braço e fechou-a com força. A janela continuava aberta, pelo que Daisy conseguia ouvir tudo.

— Tenho de lhe fazer uma série de testes de alcoolemia.

— Podemos saltar essa parte — respondeu-lhe Dale Miller.

— Desculpe?

— Porque é que não passamos diretamente à parte de soprar no balão, uma vez que é mais simples?

A sugestão apanhou Rex desprevenido. Olhou de relance para lá de Miller, captando o olhar dela. Daisy encolheu levemente os ombros.

— Calculo que tenha um alcoolímetro no seu carro-patrolha? — perguntou Miller.

— Tenho, sim.

— Então não roubemos mais tempo a si, a mim ou à simpática senhora.

Rex hesitou. Em seguida, disse:

— Muito bem, é só um momento.

— Com certeza.

Quando Rex virou as costas e se dirigiu para o carro-patrolha, Dale Miller sacou de uma arma e alvejou Rex duas vezes na nuca. Este caiu desamparado no chão.

Então, Dale Miller virou a arma na direção de Daisy.

Eles voltaram, pensou ela.

Ao fim de todos estes anos, encontraram-me.

CAPÍTULO UM

Escondo o taco de basebol atrás da perna, para que o Trey — pelo menos presumo que seja o Trey — não o veja.

O Talvez-Trey avança na minha direção com o seu bronzado falso, o penteado com a franja estilo emo e as tatuagens tribais sem significado que lhe envolvem os bíceps insuflados. A Ellie descreveu-me o Trey como um «bimbo idiota chapado». Este tipo é exatamente isso.

De qualquer modo, tenho de jogar pelo seguro.

Ao longo dos anos desenvolvi uma técnica de dedução muito fixe para perceber se estou ou não perante o tipo certo. Vejam e aprendam:

— Trey?

O alarve para, exhibe o seu melhor franzir de sobrolho ao estilo Cro-Magnon e diz:

— Quem é que quer saber?

— É suposto responder «Quero eu?»

— Hum?

Suspiro. Estás a ver o tipo de mentecapto com quem tenho de lidar, Leo?

— Respondeste «Quem é que quer saber?» — continuo. — Como se estivesses desconfiado. Se eu tivesse dito «Mike?» não me terias respondido «Enganou-se na pessoa, amigo». Ao responderes «Quem é que quer saber?» estás a dizer-me que és efetivamente o Trey.

Nem imaginam a expressão de perplexidade no olhar dele.

Dou um passo em frente, mantendo o taco de basebol escondido.

O Trey arma-se em *gangster*, mas sinto o medo a emanar dele em ondas de calor. Não é de admirar. Sou um tipo com um tamanho considerável e não uma mulher com metro e meio a quem ele pode bater para se sentir grande.

— O que é que queres? — pergunta-me Trey.

Dou mais um passo em frente.

— Conversar.

— Sobre o quê?

Desfiro só com uma mão porque é mais rápido. O taco acerta qual chicotada no joelho do Trey. Ele grita, mas não cai. Agora seguro o taco com ambas as mãos. Lembras-te de como o treinador Jauss nos ensinou a desferi-lo na Liga Juvenil, Leo? Taco atrás, cotovelo para cima. Esse era o mantra dele. Que idade é que tínhamos? Nove, dez anos? Não interessa. Faço o que o treinador nos ensinou. Puxo o taco completamente atrás, cotovelo para cima, e desfiro-o.

O grosso da madeira acerta-lhe em cheio no mesmo joelho.

O Trey cai no chão, como se tivesse sido alvejado.

— Por favor...

Dessa vez, ergo o taco acima da cabeça, como se manejasse um machado, e, depositando todo o meu peso e força no movimento, aponto novamente ao mesmo joelho. Sinto algo estilhaçar-se quando o taco acerta. O Trey dá um gemido. Volto a erguer o taco. Agora o Trey está a segurar o joelho com as duas mãos, tentando protegê-lo. Que se lixe. Mais vale jogar pelo seguro, certo?

Aponto para o tornozelo. Quando o taco acerta, o tornozelo cede e espalma-se sob a investida. Ouve-se o som de algo a esmagar, qual bota a pisar galhos secos.

— Não conseguiste ver a minha cara — digo-lhe. — Abres o bico e eu volto cá e mato-te.

Não espero pela resposta.

Lembras-te de quando o pai nos levou a ver o nosso primeiro jogo da Liga Principal de Basebol, Leo? O estádio dos Yankees. Sentámo-nos naqueles lugares junto à linha da terceira-base. Usámos as nossas luvas de basebol durante todo o jogo, na esperança de apanharmos uma bola extraviada. Não veio nenhuma na nossa direção, claro. Lembro-me da maneira como o pai virava o rosto para o sol, com aqueles *Wayfarer* a cobrir-lhe os olhos e o sorriso calmo no rosto. A pinta que o nosso pai tinha. Como era francês, não conhecia as regras — além de que era o primeiro jogo de basebol a que assistia —, mas ele não queria saber disso para nada, pois não? Queria era passar o dia com os filhos gémeos.

Isso era sempre mais do que suficiente para ele.

Três quarteirões depois, largo o taco no caixote do lixo exterior de uma loja de conveniência. Usei luvas para não deixar impressões digitais. Comprei o taco há anos, numa venda de garagem perto de

Atlantic City. Não há forma de o associarem a mim. Não que isso me preocupe. A Polícia não vai dar-se ao trabalho de andar a vasculhar no lixo para ajudar idiotas chapados como o Trey. Na televisão, talvez. Na vida real, atribuem o caso a uma contenda local, a um negócio de drogas que deu para o torto, a uma dívida de jogo ou a outra coisa qualquer que justifique inteiramente o sucedido.

Atravesso o parque de estacionamento e regresso ao local onde parei o carro, dando uma volta maior. Envergo um boné preto dos Brooklyn Nets — um estilo típico de rua — e mantenho os olhos postos no chão. Mais uma vez, não me parece que alguém vá preocupar-se minimamente com o incidente, mas pode dar-se o caso de aparecer um novato demasiado zeloso a exigir ver as gravações das câmaras de videovigilância ou algo do género.

Não custa nada ser cauteloso.

Entro no meu carro, enveredo pela Interestadual 280 e regresso a Westbridge. O meu telemóvel toca — uma chamada da Ellie. Como se adivinhasse o que ando a fazer. A Menina Consciência. Ignoro-a, para já.

Westbridge é o tipo de subúrbio estilo Sonho Americano que a comunicação social provavelmente apelidaria de «zona residencial familiar», ou talvez «rica» ou mesmo «de luxo», mas que jamais chegará ao nível de «elegante». Há churrascos do Rotary Club, desfiles do Dia da Independência, festas do Kiwanis Club, mercados de produtos agrícolas orgânicos ao sábado de manhã. Os miúdos ainda vão de bicicleta para a escola. Os jogos de futebol do secundário têm imenso público, em especial quando jogamos contra o nosso rival, Livingston. A Liga Juvenil continua a ser importante. O treinador Jauss morreu há uns anos, mas batizaram um dos campos de jogo com o seu nome.

Continuo a parar junto a esse campo, embora agora o faça num carro da Polícia. Exatamente, sou *esse tipo* de polícia. Penso em ti, Leo, especado no campo da direita. Não querias jogar — sei isso agora —, mas percebeste que provavelmente eu não entraria sem ti. Alguma malta da velha guarda ainda comenta o meu desempenho perfeito nas semifinais estaduais, em que não deixei que nenhum rebatedor avançasse até à primeira-base durante toda a partida. Tu não eras bom o suficiente para fazeres parte da equipa, pelo que os responsáveis pela Liga Juvenil decidiram pôr-te a fazer estatística. Acho que o fizeram por mim. Não me parece que tenha percebido isso na altura.

Foste sempre mais sensato, Leo, mais maduro, portanto o mais certo era teres-te apercebido.

Chego a casa e estaciono no caminho de acesso. A Tammy e o Ned Walsh, da casa do lado — na minha cabeça, ele é o Ned Flanders, porque tem aquele bigode duvidoso e é demasiado simpático —, estão a limpar as caleiras deles. Ambos acenam para mim.

— Olá, Nap — diz Ned.

— Olá, Ned — respondo. — Olá, Tammy.

Sou um tipo porreiro. O Sr. Vizinho Simpático. A verdade é que sou a mais rara das criaturas a existir numa cidade suburbana — um homem heterossexual, solteiro e sem filhos é tão vulgar aqui como um cigarro num ginásio —, por isso esforço-me para parecer normal, enfadonho e de confiança.

Pacífico.

O pai morreu há cinco anos, por isso agora alguns dos vizinhos veem-me como *esse* género de solteiro, o que ainda mora na casa dos pais e que está sempre à espreita, qual Boo Radley¹. Por isso é que tento manter a casa com bom aspeto. Por isso é que tento trazer a casa durante o dia as mulheres decentes com quem saio, mesmo quando sei que o dito encontro não tem pernas para andar.

Em tempos, homens como eu seriam considerados encantadoramente excêntricos, solteirões convictos. Agora acho que os vizinhos têm receio de que eu seja pedófilo ou algo do género. Por isso faço tudo o que posso para aplacar esse medo.

A maioria dos vizinhos está familiarizada com a nossa história, pelo que faz todo o sentido continuar a morar aqui.

Ainda estou a acenar ao Ned e à Tammy.

— Como é que correu o jogo do Brody? — pergunto-lhes.

Não estou minimamente interessado, mas, mais uma vez, trata-se de manter as aparências.

— Oito a um — responde-me Tammy.

— Fantástico.

— Tem de vir ver o jogo na próxima quarta-feira.

— Parece-me uma boa ideia — respondo-lhe.

Da mesma maneira que me parece boa ideia arrancar um rim com uma colher de sobremesa.

Sorrio mais um pouco, volto a acenar qual idiota e entro em casa. Saí do nosso antigo quarto, Leo. Depois daquela noite (refiro-me

¹ Referência a uma personagem do livro *Mataram a Cotovia*, de Harper Lee. (NT)

sempre a essa data como «aquela noite» porque me recuso a aceitar «suicídio duplo» ou «morte acidental» ou mesmo, apesar de ninguém ser dessa opinião, «homicídio»), nunca mais consegui olhar para o nosso beliche. Passei a dormir cá em baixo no quarto a que chamávamos «a salinha dos gajos», no piso térreo. Um de nós devia tê-lo feito há muitos anos, Leo. O nosso quarto dava perfeitamente para dois rapazes, mas era demasiado pequeno para dois adolescentes do sexo masculino.

No entanto, nunca me importei com isso. Acho que tu também não.

Quando o pai morreu, mudei-me para o piso de cima, para o quarto principal dele. A Ellie ajudou-me a transformar o nosso antigo quarto num escritório, num estilo com móveis brancos embutidos a que ela chama «quinta urbana moderna». Continuo sem perceber o que é que isso significa.

Subo ao meu quarto e estou a despir a camisa quando ouço a campainha. Calculo que sejam os tipos da UPS ou da FedEx. São os únicos que aparecem sem avisar primeiro. Por isso nem me dou ao trabalho de descer. Quando a campainha torna a soar, interrogo-me se terei mandado vir alguma coisa que exija a minha assinatura. Não me ocorre nada. Espreito pela janela do quarto. A Polícia.

Estão vestidos à paisana, mas reconheço-os sempre. Não sei se é da postura ou da fatiota ou de algo intangível, mas também não me parece que seja apenas porque também sou um deles — uma espécie de intuição entre polícias. Um dos agentes é homem e o outro é mulher. Por instantes penso que poderá estar relacionado com o Trey — uma dedução lógica, certo? —, mas um olhar rápido ao carro não identificado (que é tão obviamente um carro da Polícia não identificado que mais valia ter as palavras «carro da Polícia não identificado» pintadas a *spray* nos dois lados) revela uma matrícula da Pensilvânia.

Visto rapidamente um par de calças de fato de treino cinzentas e olho-me ao espelho. A única palavra que me ocorre é «espetacular». Quer dizer, não é a única palavra, mas fiquemo-nos por aqui. Desço rapidamente as escadas e levo a mão à maçaneta da porta.

Não fazia ideia do que abrir a porta me faria.

Não fazia ideia, Leo, de que me levaria novamente a ti.